

BREVE SÍNTESE DA POÉTICA GREGA: períodos arcaico e clássico

Jéferson Dantas

A epopeia e Homero

Quando se discute a literatura grega, não há como desvinculá-la da filosofia, das correntes historiográficas e da oratória. A epopeia – gênero literário dominante nos períodos homérico e arcaico – apresentava motivações de caráter extraordinário, com cenários oníricos, impregnada de divindades malignas ou generosas. Em última análise, a epopeia era um registro oral e escrito de ‘homens grandiosos’, cognominados de heróis por seus feitos fantásticos e pela sabedoria diante de situações singulares.

Homero foi o primeiro grande poeta desta fase conhecida como ‘epopeica’. Aliás, a existência de Homero até hoje gera uma série de controvérsias, dúvida que surgiu no final do século XVIII, apontando como principal alvo de contenda a veracidade dos escritos de duas obras referenciais de sua lavra: a *Ilíada* e a *Odisseia*. Homero não poderia ter escrito estas duas obras devido ao grande distanciamento temporal das mesmas. Até hoje não se sabe com precisão a data de nascimento e de desaparecimento de Homero.

O tema da *Ilíada* trata da Guerra de Troia, onde a figura de Aquiles (soldado grego) ganha colossal importância e notoriedade. De acordo com Aristóteles, Homero teria renovado a ‘arte da narrativa’, delimitando um tema central (por exemplo, a fúria de Aquiles) num curto espaço de tempo. Logo, Homero teria criado uma narrativa avessa aos relatos cíclicos, já que estes últimos implicavam em longas digressões, obstaculizando a essência épica e centralizadora que este autor desejava imprimir. No que tange aos limites geográficos ou espaciais, a narrativa homérica reduzir-se-á às cidades-estados (pólis) e não mais ao universo conhecido. Homero combinava situações de ‘reflexão’ com situações de ‘ação’, cunhando uma narrativa não linear e dinâmica, nutrindo destacado interesse pelas paixões humanas e por suas experiências, além de suas irretorquíveis contradições.

A narrativa épica procura revelar um herói virtuoso e hábil no manejo das armas. Tais qualidades são fundamentais para a compreensão dos personagens construídos. Contudo, a habilidade da fala também deve ser levada em consideração, já que o herói traz consigo todas as vicissitudes necessárias para desempenhar tal persona. Para Donaldo Schüller (1985, p. 16-17), a ação bélica na narrativa epopeica permite ao ser humano a realização de suas habilidades, algo intangível em atividades corriqueiras ou cotidianas, denotando o quanto a ideologia aristocrática desprezava as ocupações voltadas à produção e reprodução da existência material.

Em seu segundo poema, 'A Odisseia', Homero alarga ainda mais o tempo de sua narrativa. Desta vez é o próprio herói (Ulisses) que se torna o grande relator de suas façanhas, expediente até então desconhecido na *Ilíada*. A objetividade tão marcante em sua primeira obra cede espaço para uma subjetividade que prepara o terreno para a lírica. Assim, o 'fantástico', o 'desmedido', o 'implausível', ganham contornos acentuados, pouco críveis (aparição de ciclopes, sereias, terríveis monstros marinhos, etc.). Por isso, costuma-se dizer que as narrativas da *Odisseia* são 'lendárias'.

'A Odisseia' rompe com o mundo corriqueiro, trivial, e o universo onírico passa a ser o grande tema dos poetas vindouros, preocupados mais com a 'essência' do que propriamente com a mundanidade cotidiana. É de se ponderar, todavia, que na *Ilíada* os escravizados ganham importante destaque, brotando as manifestações e lutas dos miseráveis gregos às portas dos palácios.

A obra de Hesíodo

Acredita-se que Hesíodo tenha nascido na Beócia, em Ascra, por volta do século VIII a.C., deixando-nos como legado duas importantes obras: *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*. Em Hesíodo a temática poética se altera, embora mantenha o mesmo estilo e a mesma métrica de Homero. Hesíodo é o poeta do período arcaico grego, uma época de intensas turbulências sociais na área rural. Sua poética está transversalizada por experiências pessoais, diferentemente da impessoalidade epopeica.

Fica patente na obra hesiódica o caráter didático. Em 'Teogonia', o poeta faz uma explanação do universo utilizando-se de divindades mitológicas, onde estas se

mostram de forma perene e austera. Naquele contexto histórico (século VIII a.C.), Hesíodo quer retratar as lutas entre os grandes proprietários de terra e a população excluída de tais privilégios, ressaltando-se que os desprestigiados não eram apenas os camponeses e escravizados, mas os pastores e pequenos artesãos que começavam a formar uma classe cada vez mais numerosa. Em síntese, já não era possível silenciar a luta de classes, “abafada nos poemas homéricos com o predomínio absoluto dos aristocratas e de seus nobres” (SCHÜLLER, 1985, p. 25).

Hesíodo pode ser alcunhado de ‘moralista’, já que a sua narrativa formaliza o perjúrio dos deuses e, principalmente, de Zeus. Como os deuses são responsáveis pela justiça na Terra, os mesmos controlam os excessos dos homens e até mesmo as suas paixões. A obra hesiódica, nesta direção, vai desvelando por meio de metáforas uma forte denúncia da sociedade grega (corrupta e corruptora) associada a uma religiosidade que apenas deseja resignar as ações humanas. Já em “Os trabalhos e os dias”, Hesíodo lamenta a sorte dos oprimidos e assinala a única atitude que lhes convinha: a submissão.

A obra hesiódica estava, portanto, fincada no solo fecundo da existência campesina e sua experiência pessoal o conduzia para além da mitificação homérica, “outorgando-lhe uma personalidade e força próprias, desvendando os valores próprios da vida do campo e acrescentando-os ao tesouro espiritual de uma nação inteira” (JAEGER, 1989, p. 60).

Em “Teogonia”, Hesíodo discute a função das divindades, enfocando a ‘mnemósine’ (memória), que representa a ‘mãe das musas’, numa época em que a escrita era rara e a memória (lembrança do passado) sintetizavam a riqueza épica dos ‘aedos’ – *grosso modo*, uma espécie de repentista –, que se valia de sua prodigiosa memória como importante recurso de técnica poética. Assim como os profetas eram inspirados pelos deuses, os poetas eram inspirados pela mnemósine. Poeta e adivinho eram agraciados pela clarividência. O poder de saber as coisas, que é dado ao poeta pela mãe das musas, é explicado por Hesíodo como um dom divinatório.

Para Hesíodo, as idades heroicas (idades do ouro, da prata e do bronze) já haviam se extinguido. Vivia-se naquele contexto histórico a ‘idade do ferro’, onde a produção da existência era cruel e árida. Desta maneira, o poeta pode ser considerado um inovador no que se referia às temáticas poéticas, reservando boa

parte de seus escritos às reflexões sobre a justiça, antecipando o lirismo de Sólon. Portanto, inaugurou uma nova fase da poesia grega: o pós-épico.

Uma nova geração de poetas: o lirismo

O período arcaico grego também conheceu a sua 'idade lírica'. A expressão 'lirismo' estaria associada à 'mélica', que se aproxima da palavra melodia. Os poemas eram cantados ao som da lira, daí a designação ter se tornado mais popular. A lírica podia ser entoada por uma só pessoa (lírica monódica) ou por um coro (lírica coral). A lírica coral apresentava uma grande variedade de formas, das quais enumeramos: 1) hino (canto aos deuses); 2) péan (canto em honra de Apolo); 3) ditirambo (canto em honra de Dioniso); 4) partenéion (canto entoado por um coro de mulheres); 5) hiporquema (canto acompanhado de dança agitada); 6) prosódion (canto processional).

A poesia lírica vai romper com os padrões eruditos da epopeia e tornar o poeta mais livre para as suas criações. Em outras palavras, o que importa é o anti-épico, já que a poesia lírica se insere numa realidade agitada por constantes convulsões sociais, o que determina a fragilidade poética heroica para as novas exigências do mundo grego. Os deuses são relegados às sombras. As mudanças na linguagem ficaram ao 'gosto do poeta', alternando a utilização dos hexâmetros (típicos da poesia épica) com a utilização dos pentâmetros.

Calino, nascido por volta de 650 a.C., foi um dos representantes da lírica monódica. Defendia a destruição dos privilégios dos aristocratas e, por conseguinte, o combate ao ócio dos latifundiários. Sua poética é visceral, um grito desesperado para os ouvidos desatentos. Já o poeta arcaico Tirteu (nascido no século VII a.C.), conclamava os cidadãos de sua época a morrerem por sua pátria, pois não havia mais condições sociais para o individualismo. Todavia, Tirteu era um poeta conservador, já que a sua ideia de harmonia social implicava na destruição das perturbações realizadas pelos camponeses e por homens e mulheres escravizados. Este poeta serviu de modelo para a cidade-estado de Esparta no século IV a.C., pois sua poesia patriótica foi encarada como o mais elevado nível de formação educacional dos cidadãos, impregnada de um sentimentalismo que agradava os 'corações mais insensíveis'.

Arquíloco (650 a.C.)¹, poeta que vivia na Jônia, era filho de uma escrava, e a sua poética será de crítica recorrente e contundente aos generais gregos, pois o mesmo não tinha qualquer ilusão patriótica em relação às guerras perpetradas pela força militar grega. Por outro lado, Semônides de Argos (650 a.C.) acreditava que o ser humano nasceu para gozar a vida da melhor maneira possível.

Mimnermo de Colefon (600 a.C.) preocupava-se com as limitações humanas. A partir desta característica poética, vai erigir uma obra que se aproxima ao máximo da realidade social. Mas é Sólon (600 a.C.) um dos mais importantes representantes da poesia arcaica grega. Para este poeta e legislador, uma sociedade bem organizada é aquela que consegue coibir os excessos, onde as riquezas representam o patrimônio de toda uma sociedade e não de uma classe em especial. Condenava qualquer tipo de usurpação e apelava para a moderação nos círculos de poder.

Alceu (600 a.C.) é o poeta da fluidez, fugindo da concepção imagética e pragmática dos deuses, que tanto influenciou a poesia épica. Sua carga poética é intimista e dramática, porém seus temas não se dirigem aos conflitos sociais. Safo (600 a.C.) era uma poeta apartada dos problemas políticos e sociais, até porque, por ser mulher, a sociedade grega não lhe permitia ter voz ativa. Safo tinha grande sensibilidade poética e suas experiências literárias brotavam das sensações corpóreas e das relações amorosas que compartilhava tanto com homens quanto com mulheres. Foi condenada ao exílio pelo teor erótico de suas obras e por sua orientação sexual. Por fim, Anacreonte (570 – 490 a.C.), foi um poeta que lutou contra conflitos interiores, notadamente aqueles voltados aos rancores amorosos e à animosidade feminina.

Dos representantes da lírica coral, destacamos Alcman (650 a.C.), originário da Lacônia, que fazia versos para coros femininos. Sua poética é extremamente sonora. Já Estesícoro (650 a.C.) desenvolveu uma poética semelhante à de Alcman, porém, com ampliação temática e variações rítmicas. Íbico (600 a.C.), por outro lado, levou a ode coral do sul da Itália à Jônia. A subjetividade dos seus versos não tinha qualquer compromisso com o factual. Por sua vez, Semônides (559 a.C. – 469 a.C.), era bastante influenciado pela filosofia e sua inventividade poética estava atravessada pelo uso periódico de metáforas.

¹ Os anos entre parênteses representam a data aproximada de nascimento dos poetas. Nem sempre foi possível identificar o ano de morte dos mesmos.

O poeta Píndaro (518 a.C. – 438 a.C.) acreditava que a poesia não deveria ser um mero instrumento de ideais nobres. A poesia requeria acima de tudo sabedoria. Seus temas, porém, eram impassíveis diante dos conflitos populares. Ainda que Píndaro fosse conservador e reacionário, sua obra se inscreve num período de grande crise social e os seus registros acabam sendo importantes para a compreensão daquele contexto histórico.

E, para encerrar, no âmago da lírica alexandrina, temos ainda Calímaco (315 a.C. -244 a.C.), nascido em Cirene, e Teócrito (305 a.C.), de Siracusa. Calímaco indagava, exaustivamente, a existência de Zeus, acreditando na possibilidade de sua morte. Tinha acesso a muitos livros, pois trabalhava como bibliotecário; contudo, seus ‘arroubos líricos’ eram realizados mais para os eruditos ou iniciados do que para os fervores populares. A obra de Teócrito era composta por trinta idílios, tendo como temas as questões envolvendo os problemas agrários, mitos e cenas urbanas. Em outras palavras, Teócrito projetava o fantástico em cenas do cotidiano.

Pudemos observar, brevemente, que a poética grega na antiguidade apresentava muitas variações e complexidades de estilo. O registro de tais períodos foi fundamental para a compreensão histórica da Grécia Antiga, o que denota a importante interface entre história e literatura. As temáticas sociais são mais visíveis em Hesíodo, que inaugurou a fase pós-épica. Entretanto, a poesia lírica retoma a subjetividade, centrada nas catarses humanas, afastada da mitificação e do factual. O poeta não é mais o porta-voz de uma classe social que clama por melhores condições de existência, mas o porta-voz de seus próprios anseios, dando origem ao individualismo poético, que também se expressa nas lutas sociais envolvendo latifundiários e camponeses. A crise social enfraquece o espírito coletivo da civilização grega, facilitando a sua invasão territorial por parte dos macedônios.

Os poetas, intérpretes da sociedade, nem sempre dialogavam da mesma maneira, pois havia aqueles que eram conluídos com o sistema aristocrático e outros que vivenciavam os conflitos sociais de forma muito mais intensa. Por outro lado, assim como nos dias de hoje, a expressividade poética não pode ser refém do determinismo estilístico, muito menos de cânones eternizados. Os temas e as variações rítmicas abordadas pela poética grega consagraram uma maneira de se ‘falar do mundo’ que influenciaram outras formas de expressão artística, tais como o teatro e o cinema. Mas, esta, é outra história.

PARA SABER MAIS

BALDRY, H.C., *A Grécia Antiga: cultura e vida*. Lisboa: Editorial Verbo, 1968.

CERQUEIRA, Ana Lúcia Silveira; LYRA, Maria Therezinha Arêas. *Teogonia*. Niterói/RJ: EDUFF, 1986.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos da história da cultura clássica*. Coimbra, Portugal: Fundação Calouste Gulbekian, 1987.

SCHÜLLER, Donaldo. *Literatura grega*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1985.

_____. *Aspectos estruturais da Ilíada*. Porto Alegre: EDURGS, 1972.

Jéferson Dantas é historiador e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: clioinsone@gmail.com